

## História, memória e comemoração no Centenário Farroupilha

CAMILA SILVA\*

### Introdução: o problema de pesquisa

A cada 20 de setembro porto-alegrenses de todas as idades preparam-se para a comemoração do evento que é considerado a data máxima da história do Rio Grande do Sul, a Revolução Farroupilha. Os peões pilcham-se com seus chiripás, guaiacas e ceroulas, e as prendas com suas saias de armação, vestidos e bombachinhas. A cavalo ou a pé, andam pelas ruas da capital sul-rio-grandense, entre prédios e carros, em sua maior parte carregando o chimarrão. Assistem o passado sendo encenado no desfile farroupilha, e passeiam entre os piquetes e o fogo de chão no Parque Harmonia. Não é necessário o uso do vocábulo “gaúcho” para que possamos relacionar os elementos acima citados à imagem mental que guardamos desta figura típica.



**Figura 1: Desfile da Semana Farroupilha de 2010.**

Em Porto Alegre, na região metropolitana ou nos municípios do interior do Estado, as programações da Semana Farroupilha incluem todo tipo de atividade. Peças teatrais, shows artísticos, exposições culturais, concertos musicais e palestras (para

---

\* Mestranda no Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sob orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins. Bolsista CAPES.

mencionar apenas alguns eventos), nos cercam por todos os lugares. Se nesta mesma data folharmos os jornais locais, encontraremos uma galeria de textos e imagens que ilustram os personagens e os fatos que marcaram a “honrosa epopéia dos farrapos”. As referências ao gaúcho e à Revolução Farroupilha não se restringem ao mês de setembro. Programas de rádio e de televisão celebram a música e a cultura regional, campanhas publicitárias utilizam os símbolos e a linguagem do “sul” como forma de persuasão, e políticos discursam sobre as virtudes da “alma gaúcha”.



**Figura 2: Desfile da Semana Farroupilha de 2010.**

Não restam dúvidas quanto à importância deste acontecimento e do valor da sua comemoração no Rio Grande do Sul. Enquanto alguns eventos exigem o esforço interpretativo do historiador para serem trazidos a luz como tal, a Revolução Farroupilha parece estar consagrada como um dos “fatos históricos evidentes”<sup>1</sup> do nosso passado. No entanto, o que o faz ser evidentemente “importante”? Por que, por quem, e como ele é lembrado? Acreditamos que a melhor forma de responder a tais perguntas seja considerando que a memória de um acontecimento é constituída em cada presente, entre os limites que este coloca aos que recordam. Concordamos com Albuquerque Junior, quando este afirma que: “É vasculhando as camadas constitutivas de um dado saber, de um dado acontecimento, de um dado fato, que podemos apreender o

---

<sup>1</sup> Ao utilizar esta expressão, Elmir está se referindo à “autonomia do objeto”, geralmente praticada por uma historiografia positivista. (ELMIR, 2004:23)

movimento de seu aparecimento (...)”. (ALBUQUERQUE JR., 2007:151) Neste sentido, pretendemos por em relevo uma das “camadas” dentre aquelas que ao longo da história formaram a memória farroupilha. Pata tanto, temos como objeto de nossa investigação as narrativas comemorativas do primeiro Centenário Farroupilha, presentes nos jornais “A Federação”, “Correio do Povo”, “Diário de Notícias” e “Jornal da Manhã”.

### **Notas sobre o Centenário Farroupilha e as comemorações**

*A meia noite de ontem, pontualmente, as sirenes dos jornais locais rasgaram o silencio da noite com o seu grito sibilante anunciando o inicio do dia que assinnala a passagem do centenário da epopéia gloriosa dos farrapos, que inscupiu em letras de ouro a página mais gloriosa da nossa história, e que constituiu a mais empolgante demonstração de ardor cívico e o mais sublime e eloqüente exemplo de amor a liberdade. (...) E hoje em todos os recantos da gleba gaúcha, não haverá, por certo, nem um coração que deixe de palpitar mais apressado na reminiscência daquela época de pugnacidade romântica, dos feitos dramáticos dos dias luminosos de setembro de 35, e em que os heróis farroupilhas culminaram na audácia e no desprendimento que immortalizaram a raça. (Diário de Notícias, 20 set. 1935, p. 5)*

O Centenário da Revolução Farroupilha foi celebrado por diversos setores da sociedade sul-rio-grandense. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS) destacou-se por seu envolvimento em atividades intelectuais, como na organização do 1º Congresso de História Sul-Riograndense e na publicação de dois volumes da Revista do IHGRS, dedicados a Revolução Farroupilha; mas principalmente por sua participação no Comissariado Geral da Exposição do Centenário Farroupilha, ao lado dos representantes do governo do Estado do Rio Grande do Sul, da FARSUL, e do Centro da Indústria Fabril. A Exposição foi construída no espaço até então conhecido como “Campo da Redenção”, ou “Várzea do Portão”, dando origem ao atual Parque da Redenção. De acordo com o relatório apresentado ao governador Flores da Cunha<sup>2</sup>, mais de um milhão de pessoas visitaram a Exposição, que contou com 3.080

---

<sup>2</sup> Relatório sobre a Exposição Farroupilha apresentado pelo Comissário Geral Major Alberto Bins ao Exmo. Sr. Governador do Estado, Gal. J. A. Flores da Cunha. Porto Alegre: Globo, 1936, p.34.

expositores. (CERONI, 2009, p. 78) A montagem dos pavilhões e estandes, e a participação dos estados brasileiros eram diariamente noticiados pela imprensa porto-alegrense. Anúncios publicitários divulgavam produtos e serviços para ocasião da Exposição, e notas assinadas pelo prefeito Alberto Bins convidavam a população à visitação. Poesias e crônicas celebravam o passado farroupilha, e edições especiais contavam a história da “gloriosa epopéia”, por meio da escrita e da imagem.



**Figura 3: Capa da Edição Farroupilha, publicada pelo jornal *Correio de Notícias*, em 20 de setembro de 1935, p.1.**

Segundo Ozouf, em estudo dedicado as celebrações da Revolução Francesa, a festa possui uma função pedagógica, pois por meio desta uma “história anual e comemorativa da Revolução” é ensinada “àqueles que não a conheceram diretamente”. (OZOUF, 1988:219) A autora constatou a importância atribuída aos jornais como

“fundadores da memória de um povo”, apontando-nos que “o texto e a palavra são obstinadamente encarregados de reaver tudo”. (OZOUF, 1988:219) Pensando, então, sobre o papel dos jornais na rememoração do passado farroupilha, nos perguntamos: qual teria sido a Revolução que a imprensa quis “reaver” em sua narrativa?

O contexto comemorativo, em sua efemeridade, “se apresenta como reescritura da história e atualização do passado”, que “não remete somente a um fato, mas a sua interpretação”<sup>3</sup>. (CUESTA, 1993:62) Comemorar, por tanto, significa também *re-apresentar* “uma coisa ausente”, isto é, uma versão sobre o ocorrido, e não o acontecimento em si mesmo. (CHARTIER, 1990:20) A comemoração, ou a “rememoração social”, como aponta Silva, está sempre localizada e influenciada por um determinado tempo e espaço. (SILVA, 2002:427) Elaborada pelo presente, a memória de um evento pode ter muito mais a dizer sobre aqueles que criam, organizam e selecionam as lembranças, do que sobre o passado em questão. Assim, tendo a comemoração da Revolução Farroupilha como objeto (e não o evento propriamente dito), estaremos atentos aos significados atribuídos ao próprio presente, na medida em que este confere sentidos ao passado.

Apoiados na perspectiva de Koselleck sobre a dinâmica do tempo histórico, compreendemos que a forma pela qual o presente observa o passado e o futuro está relacionada a maneira como ele situa a si próprio no transcorrer do tempo. Analisando diferentes períodos da história europeia, o autor demonstrou como cada presente se relacionou com seus passados e futuros. Para o historiador, o tempo histórico não pode ser “cronologicamente mensurável”, mas apreendido entre o que o teórico denomina como “campo de experiência” e “horizonte de expectativa”. (KOSELLECK, 2006:311) A *experiência* seria “o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”. (KOSELLECK, 2006:309) A experiência acumulada no tempo não poderia, então, ser sucessivamente organizada em um calendário, ainda que datada. Sobre a *expectativa*, o autor afirma que também “se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado,

---

<sup>3</sup> No mesmo sentido, Gonzáles aponta a importância das comemorações de “acontecimentos históricos relevantes”, por tratar-se de ocasiões propícias para a elaboração de novas leituras e interpretações do passado que, em consonância com o tempo vivido, chegam às páginas dos periódicos como ideias e indicações de inquestionável interesse para os historiadores. (GONZÁLES, 2008:156)

para o que apenas pode ser previsto”. (KOSELLECK, 2006:310) Assim, partindo das categorias propostas por Koselleck, pretendemos refletir sobre a relação entre o presente que narrou o passado (farroupilha), e, possivelmente, projetou o futuro.

A memória, como nos lembra Lowenthal, é uma das formas pelas quais conhecemos o passado. (LOWENTHAL, 1998:66) Através dela, o tempo transcorrido (irreversível) é recuperado pelo recurso da imaginação. (PESAVENTO, 2010:2) Portanto, ela deve ser compreendida não como o acúmulo de sucessivas experiências depositadas em um “arquivo”. Inventar, selecionar e esquecer, são algumas das ações operadas pelo presente, na criação de representações sobre uma determinada realidade, ou, nas palavras de Catroga, na “re-presentificação” do passado. (CATROGA, 2009:7) Chartier propõe que um dos sentidos da representação é o de ser “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como é.” (CHARTIER, 1990:20) Cientes de que “as representações são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam”, disputam e classificam o mundo a favor da sua concepção de “realidade”, quais teriam sido as lutas implícitas (ou explícitas) na formulação do “real” sobre a Revolução Farroupilha? (CHARTIER, 1990:16) Quais interesses poderiam ter influenciado a narrativa que se criou na comemoração do seu primeiro centenário? Qual Revolução se quis lembrar nas páginas dos jornais?

O passado re-apresentado no presente (e pelo presente), como bem observa Diehl, “passa a ser entendido como meio de afirmar e de reabilitar processos de identificação, ou pelo menos de cumprir a função de que nos seja permitido (sobre)viver culturalmente no presente, reorientando o horizonte de expectativas.” (DIEHL, 2007:11) Desta forma, compreendemos que a memória – enquanto diálogo de um determinado presente com o passado -, exerce papel fundamental na construção identitária de um grupo, na medida em que assegura sua continuidade no tempo histórico. Atualizando o passado, o presente tem condições de conhecer (e reconhecer) a si próprio no tempo, de situar-se nele e de projetar-se no futuro, ou até de antecipá-lo. Neste sentido, busco compreender de que forma a rememoração da Revolução Farroupilha serviu de alicerce

para o homem do tempo presente<sup>4</sup> em questão. Para tanto, perseguirei os sentidos atribuídos a memória deste evento, nas narrativas encontradas nos jornais.

Halbwachs diz que “não podemos pensar em nós mesmos, se não pelos outros.” (HALBWACHS, 1990:20) Este é o fundamento da noção cunhada pelo autor sobre a memória coletiva<sup>5</sup>, prevendo que nenhuma memória, mesmo a mais pessoal, pode ser estritamente individual. Na concepção do teórico nossas lembranças permanecem coletivas “mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos”, pois “temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”. (HALBWACHS, 1990:26) Assim, as memórias individuais estão sempre apoiadas na memória coletiva de um grupo, que as confirmam, preenchem suas lacunas, confundindo-se com ela. (CUESTA, 1993:53) Por outro lado, certas lembranças impessoais, nos são conhecidas pelo exterior, isto é, porque ouvimos dizer, lemos no jornal, ou assistimos no teatro e no cinema determinada representação do passado. (CUESTA, 1993:54-55) Esta memória, denominada pelo autor como “memória histórica”, caracteriza-se por estabelecer pontos de referência entre os membros de um grupo e “não podem ser para o indivíduo se não sinais exteriores, aos quais ele não se relaciona a não ser com a condição de afastar-se de si”. (CUESTA, 1993:57) Segundo Pollack, dentre os elementos que constituem a memória coletiva estão os acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, compartilhados por aqueles que não participaram diretamente do ocorrido, mas que guardam um sentimento de pertença pelo grupo que retém determinada memória. Conforme o autor,

*São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É*

---

<sup>4</sup> Neste caso nos referimos ao “tempo presente” não como o passado recente, ou a história imediata, mas ao que Gonzáles denomina como o “tempo da Memória”, isto é, um determinado presente (distante ou próximo da nossa atualidade) que carrega em si um conteúdo de memória que, de acordo com o autor, “constitui o substrato identitário das diferentes sociedades, e a plataforma de lançamento em que estas sociedades se projetam para as incertezas do futuro”. (GONZÁLES, 2008:153)

<sup>5</sup> Conforme aponta Cuesta, a classificação proposta Halbwachs tem sido expandida e dividida em categorias como “memória oficial”, “memória pública”, “memória culta” e “memória popular”. Tais categorias especificam e reconhecem a pluralidade do trabalho da memória. (CUESTA, 1993:41-49)

*perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLACK, 1992:2)*

Relativa às lembranças de um acontecimento vivido diretamente ou indiretamente, a memória coletiva está, então, atrelada ao sentimento de pertença que garante a coesão entre os membros de um dado grupo (familiar, político, de uma determinada região, etc.). Sobre a relação entre memória e identidade, de acordo com Halbwachs, também Rousso assinalou que,

*(...) as representações do passado observadas em determinada época e em determinado lugar – contando que apresentem um caráter recorrente e repetitivo, que digam respeito a um grupo significativo e que tenham aceitação nesse grupo ou fora dele – constituem a manifestação mais cara de uma ‘memória coletiva’. (ROUSSO, 1996:95)*

Neste sentido, aproximaremos nossa reflexão ao conceito proposto por Halbwachs, com o intuito de melhor compreender as formas pelas quais a rememoração da Revolução Farroupilha contribuiu para a definição (e atualização) de uma identidade gaúcha. A identidade, conforme nos lembra Durval, “longe de ser uma construção pessoal ou privada, é uma elaboração coletiva e pública”. (ALBUQUERQUE JR., 2009:1) Assim, partimos do pressuposto de que a imprensa - enquanto um veículo de comunicação de massa, “formador de opinião e cristizador de visões acerca do real” -, possivelmente tenha colaborado na socialização de imagens sobre a Revolução Farroupilha e sobre o gaúcho. (ENNE, 2004:114)

### **Sobre o tratamento das fontes e o seu contexto de produção**

“O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. (LE GOFF, 2003:535-536) A imprensa - muito embora possa ser (equivocadamente) compreendida como um reflexo da verdade sobre os fatos -, seleciona e constrói a

realidade, sendo, ao mesmo tempo, influenciada e influente sob ela. <sup>6</sup> Assim, tanto o incomum como o regular, podem passar despercebidos pelo olhar desorientado. Conforme sublinha Elmir, para que o jornal impresso possa ser considerado uma fonte de pesquisa histórica, “jamais pode ser visto como um dado, a partir do qual abstraímos os elementos de uma suposta realidade”. (ELMIR, 1995:21) Para tanto, o autor sugere que o pesquisador realize uma “leitura intensiva” do jornal, que esteja atento à constância ou à inconstância de um dado discurso, e para a medida do deslumbramento e da desconfiança na interpretação. (ELMIR, 1995:21-24)

Michel de Certeau, discorrendo sobre a “operação historiográfica”, nos fala sobre o “lugar social” daquele que produz um discurso sobre o passado (o historiador). (CERTEAU, 1982:95) Tomaremos de empréstimo a idéia de “lugar social” para pensarmos no contexto de produção das narrativas sobre a Revolução Farroupilha, publicadas pelos jornais anteriormente citados. Ainda que a escrita sobre o passado a qual nos debruçamos não seja a mesma referida pelo historiador, esta não deixa de ser uma escrita que atribui sentido a um determinado passado, a partir de um determinado lugar social no presente. Segundo o autor, “é em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam”. Da mesma forma pretendemos interrogar as escolhas praticadas por aqueles que escreveram para os jornais em questão – a começar pelo próprio “Jornal”, por ser uma instituição circunscrita por determinações próprias. (CERTEAU, 1982:95)

Tendo em vista a discussão apresentada até este momento, aproximamos nosso trabalho ao projeto historiográfico defendido por Guimarães, voltado para a articulação dos domínios da “política, cultura histórica e uma história das formas de lembrar-se”. (GUIMARÃES, 2007:39) Concordamos com o historiador, quando este afirma que a forma pela qual o presente lida com o seu passado remete ao debate dos “usos políticos do passado” <sup>7</sup>, pois:

---

<sup>6</sup> Bourdieu, por exemplo, aponta as exigências do mercado externo, ao qual o campo jornalístico está sujeito; e, em contra partida, a influência que este campo exerce sobre os demais campos (intelectual, jurídico, científico, político, etc.). (BOURDIEU, 1997:101)

<sup>7</sup> Cabe lembrar que Guimarães parte do conceito problematizado na seguinte obra: HARTOG, François;

*Revisitar o passado não pode ser desvinculado das demandas e exigências de um tempo presente e, nesse sentido, sua compreensão é também parte da inteligibilidade de uma cultura histórica que aciona experiências, imagens e atores do passado para uma contemporaneidade que busca nesse tempo que ficou para trás referências para imaginar o mundo em que vive.*  
(GUIMARÃES, 2007:39)

Neste sentido, pensar em uma cultura histórica implica considerar a maneira como uma sociedade administra o seu passado, ou, no “conjunto de fenômenos histórico-culturais representativos do modo como uma sociedade ou determinados grupos lidam com a temporalidade (passado-presente-futuro) ou promovem usos do passado”. (ABREU; GONTIJO:2007:15) Também, como prefere Le Goff, a cultura histórica pode ser compreendida como a “mentalidade história de uma época”, ou, “a relação que uma sociedade, na sua psicologia coletiva, mantém com o passado”. (LE GOFF, 2003:47-48) Esta relação está, pois, conectada com as demandas do tempo presente, como apontou Guimarães, o que nos faz pensar que a transposição do passado no presente é marcada pelos usos que o último faz do primeiro. Tais usos podem ser empreendidos por “indivíduos, grupos e movimentos sociais, bem como pela literatura, historiografia, mídia, poder público e ensino de história”. (ABREU; GONTIJO, 2007:16)

Desta forma, tentaremos identificar quais foram as demandas que orientaram os usos e as reconstruções do passado (farroupilha) pela imprensa porto-alegrense. Teremos, portanto, que ter em vista o momento político vivido no Rio Grande do Sul e no Brasil, ou melhor, a relação política entre a região e a nação. Alguns estudos nos apontam as faces do conflito entre o governador Flores da Cunha e o presidente Getúlio Vargas.<sup>8</sup> Segundo Rangel, em 1934 Getúlio Vargas já demonstrava certa indiferença em relação aos critérios regionalistas nas suas decisões, como exemplo, na escolha dos ministros e dirigentes. (RANGEL, 2007:22) Para Love, Getúlio Vargas, “o regionalista que defendera a democracia liberal e o federalismo nos últimos anos da década de 20, havia-se tornado um centralista e nacionalista de tipo autoritário”. (LOVE, 1975:274) Apesar do dualismo presente na observação do autor, consideraremos, sim, que por um

---

REVEL, Jacques (dir.). *Les usages politiques du passé*. Paris: Ed. Ehes, 2001.

<sup>8</sup> Ver, por exemplo: ELÍBIO Jr., Antônio Manoel. A construção da liderança política de Flores da Cunha: governo, história e política. (1930-1937) Tese. Campinas, SP: Unicamp, 2006.

lado, a ação centralizadora do governo Getúlio Vargas, e do outro, a estratégia regionalista de Flores da Cunha, acirravam o conflito entre ambos.

O projeto de nacionalização do governo getulista, para além da política, no sentido mais restrito do termo, teve repercussões em diversos setores da sociedade brasileira. Sem dúvida, os intelectuais - especialmente aqueles vinculados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e, na região sul, ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - tiveram papel de destaque na tentativa de criação de uma unidade nacional, contribuindo para escrita de um passado em comum para pretendida nação.<sup>9</sup> No Rio Grande do Sul, conforme demonstrou Oliven, a construção de uma identidade regional, mediante a emergência do nacionalismo, foi marcada por seu pertencimento a nação. (OLIVEN, 1992:58) Assim, tendo em vista os esforços para definição dos limites entre o regional e o nacional durante a década de 1930 – não apenas na sua dimensão política, mas também social e até cultural – objetivamos compreender como a narrativa da imprensa se inseriu neste debate, estando sempre atentos para as possíveis regularidades (ou discrepâncias) dos seus discursos.

## **Bibliografia**

ABREU, Luciano Aronne de. 100 anos depois: um olhar sobre a Revolução Farroupilha. *Revista Justiça e História*. Porto Alegre, v. 6, n. 12:1-12, 2008.

ABREU, Martha; GONTIJO, Rebeca; SOIHET, Rachel (orgs.). Introdução. In.: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 507 p.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *Identidad como construcción pública*. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/academico/artigos.htm>>. Acesso em: 27/10/2009.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007. 256 p.

---

<sup>9</sup> Ver, sobre o tema: SILVEIRA, Daniela Oliveira. “O passado está prenhe de futuro”: A escrita da história no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920-1930). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, 2008. RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da Crítica à História: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Trad. Maria Lucia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. 143 p.

CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história*. Coimbra: Almedina, 2009. 309 p.

CERONI, Giovani Costa. *A exposição do centenário da Revolução Farroupilha nas páginas dos jornais Correio do Povo e A Federação*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 345 p.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990. 244 p.

CUESTA, Josefina. *Historia del presente*. Madri: Eudema, 1993. 93 p.

DIEHL, Astor Antônio. Teorias da História: idéias de futuro no passado e como cultura de mudança. *Liber Intellectus*. Goiânia, v. 1, nº 1: 11-32, junho de 2007.

ELÍBIO Jr., Antônio Manoel. *A construção da liderança política de Flores da Cunha: governo, história e política. (1930-1937)* Tese. Campinas, SP: Unicamp, 2006.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos de Estudos do PPG em História da UFRGS*. Porto Alegre, UFRGS, v. 13, p. 19-29, 1995.

\_\_\_\_\_. *A História devorada. Nos rastros dos crimes da Rua do Arvoredo*. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004. p. 321 .

ENNE, Ana Lucia. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*. São Leopoldo, v. 1, n. 2: 101-116, julho/dezembro de 2004. Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/fronteiras/article/view/3095/2905>.

Acesso em: 22/01/2011.

GONZÁLES, Juan Sánchez. Sobre la memoria. El pasado presente en los medios de comunicación. *Historia Actual Online*. Cádiz, n. 4: 153-163, 2004. Disponível em: <http://www.historia-actual.org/Publicaciones/index.php/haol/article/view/51/52>. Acesso em: 21/04/2008.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. *O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória*. In.: ABREU, Martha; GONTIJO, Rebeca; SOIHET, Rachel (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 507 p.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

HARTOG, François; REVEL, Jacques (dir.). *Les usages politiques du passé*. Paris: EHESS, 2001.

KOSELLECK, Reinhard. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006. 368 p.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. 544 p.

- LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975, p. 274.
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*. São Paulo, n. 17: 63-148, novembro de 1998.
- MACHADO, Nara Helena Naumann. *A Exposição do Centenário Farroupilha: ideologia e arquitetura*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, 1990.
- MARTINS, Estevão C. de Rezende. Memória e experiência vivida: a domesticação do tempo na história. *Antíteses*. Londrina, vol. 1, n. 1: 17-30, janeiro/junho. de 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. Acesso em: 21/07/2009.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992. 143 p.
- OZOUF, Mona. *A festa: sob a Revolução Francesa*. IN: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (Dir.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 216-232.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Debates: 1-8, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1499.html>. Acesso em: 16/03/2010.
- POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10: 200-212, 1992.
- RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *O governo de Flores da Cunha*. In.: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coords.); GERTZ, René (dir.). *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*. v. 4. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2007. 578 p.
- RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da Crítica à História: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, 2006.
- ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. p. 93-102.
- SÁ, Antônio Fernando de Araújo. *Filigranas da Memória: História e Memória nas comemorações do centenário de Canudos (1993-1997)*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Unb, 2006.
- SILVA, Helenice Rodrigues. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44: 425-438, 2002.
- SILVEIRA, Daniela Oliveira. “O passado está prenhe de futuro”: A escrita da história no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920-1930). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, 2008.

### **Referências de fontes impressas**

O Rio Grande, vibrante de entusiasmo cívico assiste a passagem da data máxima do centenário da sua história. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 20 de setembro de 1935, p. 5.

### **Referências de fontes imagéticas**

Figura 1. Disponível em: <http://www.semanafarroupilha.com.br/fotos.htm>. Acesso em: 18/03/2011.

Figura 2. Disponível em: <http://www.semanafarroupilha.com.br/fotos.htm>. Acesso em: 18/03/2011.

Figura 3. 1835 – 20 de setembro – 1935. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 20 de setembro de 1935, p. 1.